



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Desembarcando na “África” baiana: Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO-UFBa) e o intercâmbio de estudantes africanos (1961)

Luiza Nascimento dos Reis*

1. Introdução

O ano de 1961 marcou a história da Universidade da Bahia e do recém-fundado Centro de Estudos Afro-Orientais. Um grupo de estudantes africanos, oriundos de alguns países da África Ocidental, desembarcou na cidade de Salvador para um estágio de três meses. O objetivo dos jovens estudantes nigerianos ou ganenses era o aprendizado da língua portuguesa, a se realizar no Centro de Estudos e o posterior ingresso em cursos de nível superior em universidades brasileiras.

O intercâmbio professores, pesquisadores e estudantes era um dos objetivos nutridos por Agostinho da Silva, diretor fundador do CEAO. Em seu pensamento, o Centro de Estudos, o primeiro no país a dedicar-se ao conhecimento da África, deveria funcionar com um elo, a revitalizar conexões entre o Brasil e países africanos. Deste modo, a vinda dos estudantes ao Brasil era uma das diversas ações desencadeadas.

Para que a turma desembarcasse no Bahia muitos esforços foram engendrados por diferentes atores que nutriam perspectivas diversas em relação à aproximação com o continente africano. No Brasil, o pensamento de Agostinho da Silva convergiu com a política africana do governo Jânio Quadros. Suas idéias foram apreciadas por funcionários do Ministério das Relações Exteriores em reuniões que delinearão as ações federais para a aproximação com o continente. Se Agostinho pensava na primazia das relações culturais, o governo federal pensava no restabelecimento de relações políticas e econômicas com os países que já se encontravam livres do colonialismo.

Na Bahia, os pesquisadores ligados ao CEAO como Pierre Verger ou Vivaldo da Costa Lima pensavam no intercâmbio com países africanos para reativar conexões religiosas. Para estes, a religiosidade de matriz africana presente em Salvador, em que as maiores expressões são os terreiros de candomblé, deveria se reencontrar com os povos ancestrais. Assim essas “raízes” deveriam ser buscadas especialmente na Nigéria

* Doutoranda no Programa Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos (UFBA/Brasil) e professora visitante na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC/Brasil). É historiadora (UESC/Brasil), Especialista em Educação e Relações Étnico-Raciais (UESC/Brasil) e mestra em Estudos Étnicos e Africanos.

uma vez que os povos iorubás, de lá oriundos, eram vistos como o que mais haviam influenciado essa religiosidade. Os iorubás, então, eram os preferidos e mais esperados para a vinda à Bahia. Porém, Pedro Moacir Maia, professor ligado ao CEAO que se encontrava no Senegal a dar aulas de português, e foi como Costa Lima incumbido de selecionar os estudantes, não priorizou as relações religiosas.

A turma dos quinze estudantes que aqui chegaram tinha um perfil bastante heterogêneo. Vinham de países e contextos diferenciados. O que a oportunidade de estudar no Brasil significava para deles? O que tinham a dizer sobre seus países? Neste trabalho, o objetivo é apresentar os estudantes que chegaram a Salvador em 1961 e expor o que foi possível registrar de seus pensamentos a partir da consulta da correspondência do CEAO e de recortes de jornais locais.

2. A turma



Primeira turma de estudantes africanos no CEAO. Acervo do CEAO, nº 87

Numa carta, enviada em 11 de novembro de 1961, Pierre Verger descrevia a Vivaldo da Costa Lima a turma dos estudantes que haviam chegado a Salvador.

5 YORUBAS em traje nacional, todos bastantes simpáticos, 5 de Gana, conscientes e reservados, 4 do Senegal (1 francês, branco como neve, 1 moça mestiça de peuhl e de francês com algum outro



sangue, um cabo-verdiano, (ou mais exatamente um filho de um cabo-verdiano e uma descendente da Bahia), e finalmente um camaronês [...] representativo do Senegal.)¹

Um pouco reduzido em relação à proposta inicial de vinte pessoas, o grupo tinha a concentração de pessoas oriundas de países da África Ocidental para onde foram liberadas as bolsas². Para lá convergia o interesse dos pesquisadores do CEAO e parte das ações da política externa. Contava-se ainda com as presenças de Vivaldo da Costa Lima e Pedro Moacir Maia naquela parte do continente. Ambos atuavam como leitores³ brasileiros, impulsionados pelo CEAO, a ministrar aulas de português respectivamente na Nigéria e no Senegal.

Os estudantes selecionados por Costa Lima vieram da Nigéria e Gana. Os nigerianos Abiodun Fashina, Olufeni Onajin, Francis Abiodun Oni, Olumuyiwa Opaleye e Akimkunmi Akimpelu eram iorubás. Na ficha feita no CEAO, apenas o último deste não registrou que, além do inglês, falava a língua iorubá. Registraram que queriam estudar arquitetura, medicina, economia e “agricultura”. Sobre a escolaridade, os que informaram haviam terminado o “high school”⁴ em Ibadan, cidade onde Costa Lima ministrava as aulas de português.

Os ganenses eram Francis Quaye, Osei Akuamoá, Samuel Cobbold, Yan Offe Boateng e George Frempong. Como os anteriores, alguns anunciaram serem falantes das suas línguas nacionais além do inglês, como o gã, o twi e o fanti. Também haviam concluído o High School. Como opções de cursos, além de medicina e economia, registraram a odontologia e geologia.

A turma vinda do Senegal, segundo o registro nas fichas, possuía apenas uma senegalesa. Collete Simone Diallo veio realizar curso de pós-graduação. Tinha certificado de espanhol e línguas hispano-americanas da Faculdade de Letras de Dakar e havia estudando português durante cinco meses com Pedro Maia. Seu interesse residia em estudar Filologia Portuguesa e literatura brasileira e preparar tese sobre um autor

¹ Verger. Carta enviada à Costa Lima em 11 de dezembro de 1961. *Afro-Ásia*, 2007, n. 37, p. 259. Destaque do autor.

² Os estudantes africanos vieram ao Brasil a partir de um acerto entre a Universidade da Bahia, que ficaria responsável pelo curso inicial de Português no CEAO e o Ministério das Relações Exteriores que pagaria bolsas para a manutenção durante a realização do curso.

³ Na definição de Costa Lima “o leitorado não implica em cursos regulares nem nada, mas em presença, palestras e vários departamentos, escolas secundárias, ocasionais projeções de filmes e slides e pequenas conferências, lectures sobre cultura e História do Brasil”. Carta enviada a Waldir Oliveira em 20 de setembro de 1962.

⁴ Cursos equivalentes ao ensino médio no Brasil.



brasileiro. Como registrou a descrição de Verger, tratava-se de uma “mestiça”. Este diferencial aliava-se ao fato de ser a única mulher da turma.

As novidades na turma vinda do Senegal não paravam por aí. O segundo bolsista para curso de pós-graduação era Claude René Cros, que na ficha é registrado como francês, “branco como a neve”. Maia teve que explicar a Costa Lima que, nos critérios estabelecidos pelo Itamaraty, não havia restrição para as bolsas de pós-graduação para pessoas oriundas da Universidade de Dakar. De acordo com matéria organizada pelo jornalista Flávio Costa – chefe do setor de informação e intercâmbio do CEAO – e publicada na revista *Fatos e Fotos*, em 20 de janeiro de 1962, o branco “também era um africano”, mas Waldir Oliveira teve que dar explicações a mãe Senhora, chefe religiosa de um tradicional terreiro de Salvador, sobre o que “aquele branco estava fazendo em meio aos africanos dela” (Oliveira, 2004). A ficha que registra a formação de Cros evidencia diversidade de cursos superiores, diferenciando bastante do perfil dos demais bolsistas. Falava inglês, francês e noções de alemão e tinha certificados de diversos cursos superiores feitos na França e no Senegal.

Sobre Paul Etamé Ewane, oriundo de Camarões, há menos informações. Sua ficha registra o certificado de dois anos de estudo em ciências econômicas e direito administrativo, desejando continuar o primeiro curso em São Paulo, além de se especializar em Português.

Cristóvão Morais era cabo-verdiano e estava a quatro anos no Senegal. Registrou nacionalidade senegalesa. Estudava medicina e “passou em Lisboa até o 3º ano de licenciado”. Um diferencial do perfil de Morais residia no fato de ser bolsista oriundo de país sob colonização portuguesa. Se morava em Dakar a quatro anos, depreende-se que havia se afastado do curso em Lisboa. Em se tratando de um país que insistia no colonialismo, o afastamento do estudante de Cabo Verde e de Lisboa pode estar relacionado à repressão colonial. Desejava continuar seus estudos no Brasil.

O perfil do décimo quinto bolsista, um estudante guineense corrobora as interrogações acerca da mobilidade de Morais. Fidelis Cabral D’Almada, chegou por último. Embarcado em Dakar ainda em dezembro, o bolsista contaria suas dificuldades para fugir da perseguição colonial portuguesa⁵. No Brasil desejava continuar seus

⁵ Fidelis destacou-se na luta anti-colonial contra os portugueses, sendo um nome importante em seu país. Posteriormente, assumiu o cargo de ministro da Educação e, por tudo isso, foi motivo de orgulho para



estudos em direito e estudar ciências políticas e sociais em São Paulo⁶. Falava português, francês, crioulo e inglês.

Freqüentou as faculdades de direito de Coimbra e Lisboa. Teve intenso treino das línguas mencionadas durante as freqüentes viagens que fez ao estrangeiro. Visitou todos os países da Europa Ocidental durante cinco anos consecutivos. Realizou todas estas viagens durante as férias grandes. Frequentou cursos de férias e campos de trabalho em diversos países.⁷

3. Africano é igual a iorubá?

Referências a religiosidade de matriz africana – expressões em iorubá, rituais e festas nos terreiros de candomblé - estavam sempre presentes nas cartas de Verger a Costa Lima. Outras pessoas ligadas ao CEAO também compartilhavam ou se aproximaram desses espaços como “mestre” Lasebikam, professor nigeriano que dava aulas de iorubá no CEAO e seus alunos que “foram vestidos de Abadas (...), na casa de Dona Menininha que festejava seu santo nesse dia”⁸. Essa apresentação não deixou de mostrar a Lauro Escorel, o chefe do departamento cultural do Itamaraty em visita a Salvador, as relações nutridas na Bahia com a religiosidade de matriz africana.

Nesse universo religioso afro-baiano – segundo Costa Lima, uma civilização – os estudantes africanos deveriam ser inseridos. O professor fez recomendações:

Aí vão meus negrinhos, todos bem dotados, e ávidos de civilização baiana. Isto sei que eles terão aí na Bahia, sob as vistas do Centro e dos amigos.[...] Os ingleses criaram uma ética estúpida para esses rapazes. Precisamos reaffricanizá-los na Bahia e mostra-lhes o que realmente é importante. (Espero saber o que realmente importa) [...]⁹

É notório que Costa Lima e Verger buscavam no continente africano a África tradicional para fazer convergir com a África existente na Bahia. Mesmo focado nos iorubás, Costa Lima destacou as contribuições que os ganenses poderiam dar, uma vez

alguns no CEAO, como a futura diretora Yêda Castro. Ver Yêda Castro. *A experiência do CEAO*. Datilografado. s/d. Waldir Freitas, em seu relato sobre os bolsistas, não se refere a presença de Fidelis. Entrevista Gravada, 2004b.

⁶ A vinda ao Brasil de Cristóvão Morais e Fidélis Cabral D’Almada resultam de fugas da política portuguesa, fosse nas colônias ou metrópole. No entanto, os diversos registros da liberação de bolsas de estudos por parte do governo brasileiro, ao assinar a inclusão de estudantes de Guiné Bissau e Cabo Verde, leva a equivocada conclusão de que o governo brasileiro teria liberado bolsas para esses países, quando isto não aconteceu. Ver Sombra Saraiva, 1996, p. 95.

⁷ Ficha de Fidélis Cabral D’Almada no CEAO, 1961.

⁸ Carta enviada por Verger a Costa Lima em 25 de novembro de 1961. In *Afro-Ásia*, n 37, 2008, p. 256.

⁹ Carta enviada por Costa Lima a Waldir Oliveira, em 27 de novembro de 1961.



em Salvador. “Os estudantes de Gana estão interessados e muito em colaborar com o trabalho do Centro. Palestras sobre seus países, costumes tradicionais etc, e mesmo ensino do Twi!”. Do grupo, destacou Yaw Boateng oriundo “de uma das famílias mais tradicionais ashanti”. Conhecedor das tradições, o referido bolsista “oficiou na Embaixada a cerimônia de Libação quando os estudantes foram conhecer o embaixador ontem de tarde”¹⁰. Ainda conhecia os tambores tradicionais. Costa Lima logo queria essa expressão no CEAO: “providencia a feitura de um par dos tambores para o Centro, para estudos e demonstração”. A todos os bolsistas ganenses recomendou que desembarcassem usando em Salvador “Kente”, as roupas usadas em cerimônias, festas¹¹.

Se Costa Lima enxergou semelhanças entre os dois grupos, outras diferenças seriam muito significativas entre eles. “Recomendo o maior cuidado com os estudantes de Gana, gente bem diferente dos nigerianos, portanto menos abertos, menos talvez cordiais, mas de igual categoria e ambição. Recomendo que use o Cobbold como contato com o grupo, por mais maduro”¹². Isso também foi alvo de considerações por parte de Pedro Maia que passou uma semana com o grupo.

Há, não esquecer-me: achei uma diferença enorme entre os nigerianos e os ganeanos: os primeiros, mesmo com meu inglês (mas servia-me de intérpretes aqui, em inglês e ioruba), já estavam íntimos no dia seguinte, e sempre dispostos a rir, a brincar, às esculhambações; e os putos dos ganeanos, reservados, só o Quaye ria um pouco, muito dignos, e distantes, e um deles teve o topete de, no aeroporto, depois de eu dar ordem ao garçom de servi-los (com dinheiro meu), de interpelar-me porque faltara pão para ele!¹³

A diversidade de pessoas que chegaram à Bahia através do intercâmbio deu uma pequena mostra das diferentes Áfricas que buscavam contato com o Brasil. Ficaremos sem saber o que os estudantes, iorubás, ganenses ou a senegalesa, acharam ao serem aproximados a essa dimensão da africanidade baiana. Pode-se inferir a partir da recepção dada a alguns deles, especialmente os estudantes enviados por Pedro Maia que se afastavam dessa africanidade iorubá.

¹⁰ Costa Lima explica que “é uma cerimônia tradicional aqui realizada sempre que se parte ou se chega de algum lugar distante”.

¹¹ Carta enviada por Costa Lima a Waldir Oliveira em 3 de dezembro de 1961.

¹² Carta enviada por Costa Lima a Waldir Oliveira em 03 de dezembro de 1961.

¹³ Carta de Pedro Maia a Vivaldo Costa Lima, em 24 de dezembro de 1961.



Cristóvão Morais, o cabo-verdiano, e Fidelis Cabral D'Almada, o guineense criticariam veementemente o colonialismo português praticado nas terras africanas¹⁴, importante assunto político que o governo brasileiro escamoteava em sua aproximação com a África e que o CEAO, ao priorizar as relações culturais, não dava relevância. A presença de Claude Cros, um branco, incomodou não apenas a ialorixá. De acordo com o pensamento motivador do intercâmbio promovido pelo CEAO, assentado na idéia de pureza racial e cultural que se encontraria na África, Cros não possuía uma legitimidade africana. Sua presença em meio aos estudantes não recebeu destaque. Na cobertura jornalística dada aos estudantes, um dos poucos registros fotográficos está na revista *Fatos e Fotos*, já citada. Após as aulas no CEAO, não há informações para onde teria seguido. Na ficha com seus dados, feita quando chegou ao CEAO, há apenas um escrito a lápis avisando que “voltou”.¹⁵

Colette Diallo, ao contrário de Cros, figurou nas notícias jornalísticas. A nota que anunciou a chegada dos estudantes informava a presença de “uma bela moça”. A professora de línguas teve sua opinião registrada sobre o colonialismo (*DN*, 10/12/61) e o intercâmbio Brasil-África (*Visão*, 12/01/62). Além da foto principal, a senegalesa pode ser vista num detalhe na reportagem da revista *Fatos e Fotos*. Embora o destaque fosse sempre dado ao fato de ser a única “moça” do grupo, acredito que sua tez “mestiça”, mesmo fora do padrão de africanidade “puro” esperado, apresentava uma clara correlação com a mestiçagem brasileira. Pode-se inferir que Diallo era a mais “brasileira” dos que aqui chegaram, daí sua evidência.

4. “Entrevista com os africanos”: Colonialismo, relações Brasil- África

Em 10 de dezembro de 1961, num domingo, o *Jornal da Bahia* trouxe uma pequena nota sob o título *Estudantes africanos fazem estágio na Uba*, acompanhada de uma foto de parte do grupo. Além de dar informações sobre a chegada dos estudantes, origem e o que eles fariam, o jornal ressaltou o entusiasmo com o Brasil, a “repulsa ao colonialismo europeu na África e informou que alguns tomaram parte nas manifestações de protesto contra a morte de Lumumba” (*JB*, 10/12/1961).

¹⁴ Sobre isso ver a reportagem “Estudantes falam sobre racismo e independência falsa que existe em África”, publicada no *Diário de Notícias*, em 10/12/1961. Disponível no site www.ceao.ufba.br/biblioteca/hemeroteca

¹⁵ Paulo Farias registrou que Cros casou-se com uma baiana chamada Maria Helena, aluna de sua então esposa Rena, e moravam em Dakar. Ver entrevista de Paulo Farias, 2010.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A cobertura da imprensa baiana registra alguma informação a respeito do continente africano. Uma única pesquisa é datada no início da década de 1970. Anani Dzidzienyo, ganense que veio realizar pesquisas no Brasil – no Centro de Estudos Afro-Orientais - analisou a cobertura dada pelo *Jornal da Bahia*. Em *África vista do Brasil (Afro-Ásia, 1970)*, o autor aludiu a destaques pontuais que o continente passou a receber nos anos sessenta. De acordo com Dzidzienyo, a independência de países ou informações geográficas foram apontadas rapidamente e sem contextualização; discussões mais significativas passaram a ser apresentadas neste jornal por Pimentel Gomes, jornalista, que na coluna *África de hoje* abordava o tema da retomada das relações Brasil-África e criticava a interferência de Portugal e seu colonialismo.

Para os que acreditavam na necessidade de se rever tais relações havia grande expectativa de que o Brasil rompesse com a política salazarista. O tema das relações com África emergiu a partir das ações do Centro de Estudos Afro-Orientais, como a nota a respeito dos estudantes africanos na Bahia. De acordo com o trabalho de Dzidzienyo, através do *Jornal da Bahia*, a capital baiana participou do debate em torno do posicionamento que o Brasil deveria assumir nas relações com países do continente africano, e o conseqüente rompimento com a nação portuguesa. As notas e matérias jornalísticas publicadas a partir de entrevistas com os novos bolsistas, em fins de 1961 e início de 1962, trouxeram alguns desses debates.

Naquele mesmo domingo, o primeiro dos africanos na Bahia, em 10 de dezembro de 1961, o *Diário de Notícias*, contemplou numa nota um pouco maior que a anterior. Em *Estudantes falam sobre racismo e independência falsa que existe em África*, a colonização, especialmente a portuguesa, foi o tema em evidência. Cristóvão Morais, o estudante cabo-verdiano do grupo, foi o primeiro a denunciar o racismo português, em Cabo Verde. Collete Simone Diallo, a “única moça”, depois de destacar sua intenção em estudar literatura brasileira, também se referiu ao colonialismo português, ao lembrar que o Senegal, foi o primeiro a expulsar a embaixada portuguesa diante de sua insistência colonialista. Cristóvão Morais acusou Portugal lembrando seu “subdesenvolvimento”, a convivência com o atual governo de Cabo Verde e a exploração que realizava de trabalhadores cabo-verdianos e angolanos. A pós-colonização foi discutida por Akin Akinpelu, estudante nigeriano que falou da independência política, mas não econômica, vivida pelo seu país. Segundo ele, a Nigéria era “o país mais



democrático do mundo”. O estudante de Camarões, Paul Etamé, trouxe uma mensagem de seus colegas camaroneses, dizendo que a independência do país “não corresponde às aspirações do povo e eles lutam para que o mundo saiba que a independência não seja somente no papel” (*DN*, 10/12/1961).

Conheceremos mais o primeiro grupo de bolsistas africanos na Bahia através de uma matéria de página inteira, feita pela revista *Visão*, publicada em 12 de janeiro de 1962. Depois de informações sobre a chegada à Bahia, o primeiro a falar foi Cristóvão Moraes que destacou a importância de relações bilaterais entre o Brasil e a África. “A África Portuguesa, particularmente, está de olhos abertos para este país; não apenas o admira como sabe que só ele poderá ajudá-la em sua libertação”. Moraes evidenciou que importantes relações econômicas podiam ser estabelecidas com os países de seu continente, mas não pôde deixar de ressaltar o apoio indispensável do Brasil para a independência dos países ainda mantidos sob domínio português. Destacou o “atraso” da população cabo-verdiana em função da falta de assistência portuguesa, da falta de escolas e direitos negados para os negros. Terminou revelando que não viu discriminação racial “ponderável” no Brasil e citou uma expressão cultural cabo-verdiana semelhante ao samba do carnaval brasileiro: a “coladeira”.

Paul Etamé, o camaronês, revelou a intenção em estudar ciências econômicas em São Paulo. *Visão* referiu-se a sua “impressionante” semelhança física com Patrice Lumumba do qual o jovem disse ser fã. Interessava-se pela história e literatura brasileira e veio com o objetivo de “estudar as soluções que o Brasil tem utilizado para seus problemas de país subdesenvolvido, as quais pretende [ia] levar para sua pátria”. Enfatizou a dependência econômica de Camarões em relação à França. Segundo ele, o francês era a língua oficial e de sessenta por cento da população. Concluiu, acreditando nas possibilidades de seu país, apesar dos sérios problemas do subdesenvolvimento, e citando os diversos produtos disponíveis para exportação.

Colette Diallo - sempre definida como a “bela e única” moça do grupo – não quis, desta vez, segundo *Visão*, comentar problemas de seu país. De acordo com o texto jornalístico, a senegalesa falou “com orgulho” da Universidade de Dakar, “uma das mais importantes da África”, cujo número de matrículas era ascendente, figurando alunos de vários países. Informou ser licenciada pela Faculdade de Filosofia e se referiu ao grande contingente populacional e aos principais produtos nacionais. A língua oficial



era o francês e o “dialeto” mais importante o uolof. Em relação ao intercâmbio cultural Brasil-África definiu-o “como um grande passo para a libertação total dos países africanos”. *Visão* ressaltou esta afirmação como ponto de convergência entre os entrevistados. George Frempong, de Gana, que pretendia estudar medicina na Bahia, “crê que o Brasil poderá desempenhar papel importantíssimo no processo de independência total, política e econômica da África, a qual não dispensa o nosso auxílio”.

Olufemi Onajin, nigeriano, “também tem grande confiança no futuro de sua terra”. Como nas matérias anteriores, foram destacados dados populacionais, produtos de exportação e a progressão educacional com o aumento no número de universidades e escolas. Informou que, na Nigéria, além do inglês, são falados o iorubá, o haussá e o ibo. O último entrevistado, o guineense Fidelis Cabral, o último ao chegar ao Brasil, disse a revista que

[...] para sair de Lisboa, onde cursava o 4º ano de bacharelato, teve que lançar mão de um estrategema, dadas as dificuldades que as autoridades portuguesas opõem à saída de negros. Primeiro conseguiu uma viagem, de avião, para a Guiné, sob o pretexto de visitar a família, que há muito não via. Na Guiné, alegou que a mãe se encontrava no Senegal e conseguiu permissão para voltar a Lisboa com escala naquele país. Teve de comprar a passagem com seu dinheiro. Uma vez no Senegal, obteve a bolsa do governo brasileiro. (*Visão*, 12/01/1962)

Visão concluiu sua reportagem afirmando que “Fidelis se manifestou radicalmente contra a política colonialista de Salazar na África Portuguesa”. Se o depoimento de Cristóvão Moraes enfatizava, com veemência, a difícil situação em Cabo Verde, Fidelis D’Almada chegou a ratificar a impossibilidade da manutenção do sistema colonialista português, idéia que seduziu alguns intelectuais brasileiros¹⁶. A narração de sua experiência para sair do país é demonstrativa das duras limitações impostas às populações locais. O debate acerca da situação das colônias portuguesas na África e da necessidade de permanência do colonialismo português apareceu em um dos jornais locais.

¹⁶ Ver Gilberto Freyre. 1940. *O mundo que o português criou*. Rio de Janeiro: José Olímpio.



A chegada dos estudantes africanos trouxe a possibilidade de dialogar com pessoas oriundas daquelas terras que pudessem expor suas experiências. Os depoimentos, a revolta, as denúncias comuns aos dois rapazes, oriundos de Cabo Verde e Guiné Bissau, permitiu a setores da sociedade baiana tomar conhecimento de outras versões a respeito da presença portuguesa no continente africano. De acordo com as matérias aqui apresentadas, alguns periódicos estavam mesmo interessados em fazer os estudantes africanos do CEAO falarem sobre colonização/descolonização, tema em destaque por conta das independências alcançadas no continente africano e da aproximação brasileira.

Referências:

- ÁFRICA volta à Bahia. *Fatos e Fotos*. 20 jan. 1963. pp.3-4.
- AFRICANOS estudarão na Bahia. *A Tarde*, Salvador: [s.n.], 25 nov. 1961.
- Cartas de Pierre Verger a Vivaldo da Costa Lima. 2007. *Afro-Ásia*, n. 37:241-288.
- CASTRO, Yeda Pessoa. *s/d. A experiência do CEAO*. Datilografado.
- CEAO diz que Reitor apoia seu programa e vinda dos bolsistas já é ponto certo. *Diário de Notícias*, Salvador, 27 out. 1961.
- DANTAS, Beatriz Góis. 1988. *Vovó Nagô e Papai Branco: usos e abusos da África no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal.
- DIPLOMATAS africanos estagiarão na Bahia. *Jornal da Bahia*, Salvador: [s.n.], 5 ago. 1961.
- DZIDZIENIO, Anani. 1970. “África Vista do Brasil. *Afro-Ásia*, n. 11/12:79.
- ESTUDANTES africanos que se encontram em Salvador ouviram ontem sua 1ª aula. *Diário de Notícias*, Salvador: [s.n.], 12 dez. 1961.
- ESTUDANTES africanos serão bolsistas da UB: manter um maior intercâmbio cultural. *Estado da Bahia*, Salvador, 28 out. 1961.
- FREYRE, Gilberto. 1940. *O mundo que o português criou*. Rio de Janeiro: José Olímpio.
- REIS, Luiza Nascimento. 2010. O Centro de Estudos Afro Orientais da Universidade Federal da Bahia: Intercâmbio acadêmico e cultural entre Brasil e África (1959-1961). Dissertação de Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, Universidade Federal da Bahia.
- SOMBRA SARAIVA, J. F. 1996. *O lugar da África: A dimensão atlântica da política externa brasileira (de 1946 a nossos dias)*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.
- VIERAM com muita fé: quinze bolsistas africanos estagiam na Bahia. *Visão* [S.l.: s.n.], 12 jan. 1962.

Documentos Consultados

Arquivos Internos do CEAO

Caixa de correspondências - cx cor 01, 1959

Caixa de correspondências - cx cor 02, 1960

Entrevistas

DZIDZIENIO, Anani. Entrevista realizada em 02/10/2008.

FARIAS, Paulo de Moraes. Entrevista concedida entre julho e agosto de 2010. Escrita.

OLIVEIRA, Waldir Freitas. Entrevista filmada por Cláudio Luiz Pereira. 58 min. 2004.

_____. Entrevista Gravada por Luiza Reis. 46 min. 2009.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina